

**O CORAJOSO**, incansável e malcriado Obdulio Varela foi um grande capitão, o general da vitória. Eis o momento em que recebia das mãos do Sr. Rimet a taça que tão brilhantemente conquistou o Uruguai. Vitória da fibra contra a classe. Mas, como o que vale em futebol é o gol, parabens, uruguaios! E gratos pela lição.

"— Todos nós somos culpados", escreve David Nasser, que aparece, finalmente, na Tribuna de Imprensa.

# DERROTA DA MÁSCARA

**Somos tão responsáveis por êsse desfecho esportivo quanto os jogadores e o técnico. Nós, os jornalistas que criamos a lenda da invencibilidade do onze brasileiro. E todos que ajudaram a afivelar a máscara de "imbatíveis", criando a exagerada certeza na vitória que não veio.**

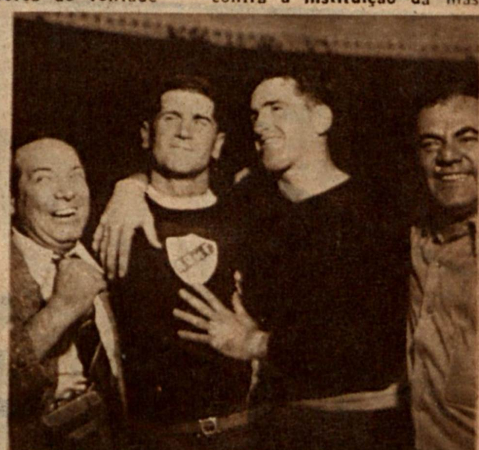
**Texto de DAVID NASSER** — **Fotos de JEAN MANZON**

TODOS somos culpados. Que história é essa, agora, de descarregar sôbre os ombros de Bigode, de Barbosa, de Jair, de Flávio Costa, a responsabilidade por uma derrota que é tão nossa quanto dêles e para a qual contribuímos e pela qual nos penitenciamos? A máscara estava atarrachada em nossos rostos, desde as goleadas, e o Brasil perdeu o campeonato do mundo naquela tarde em que esmagou o quadro de Espanha. Ratificamos, então, a nossa classe. Era um time imbatível, o nosso. Invencível em tôdas as suas linhas. Pela velocidade de seus atacantes. Pela muralha de sua linha média. Pela segurança dos zagueiros e pela agilidade felina do guardião de sua meta. Sim, a meta de Barbosa, quase virginal, quase imaculada, tão pura e sem pecado como Ingrid Bergman antes de Rossellini.

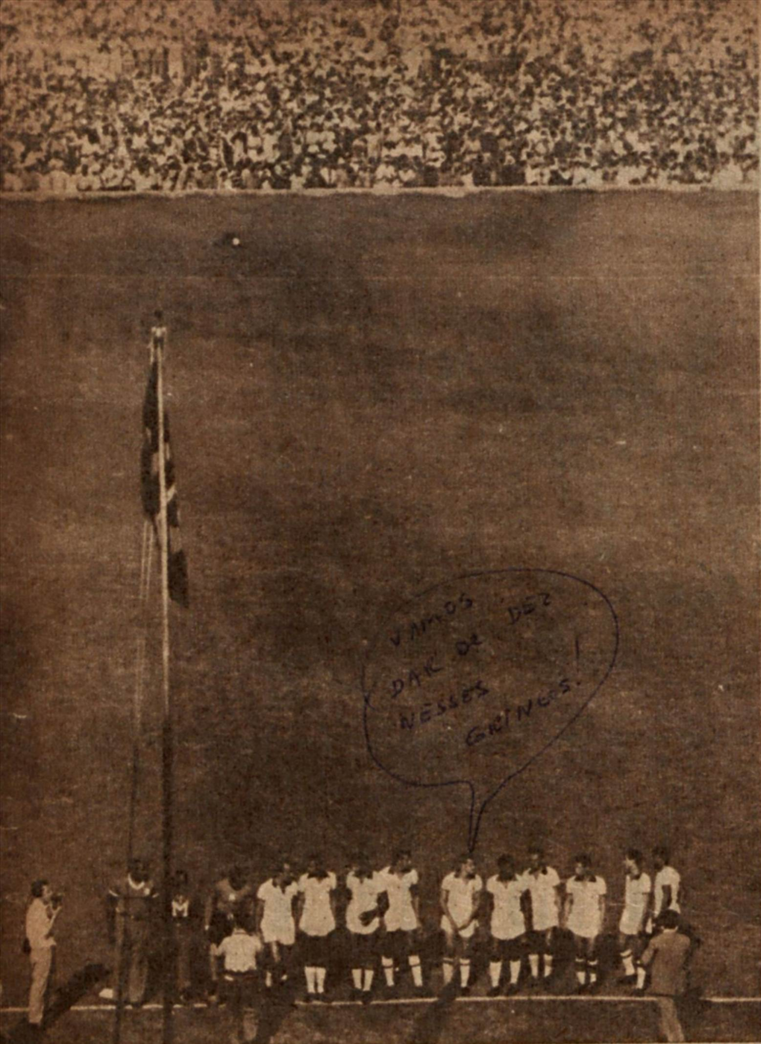
E' muito cômodo, nestes instantes amargos da perda definitiva, afastarmos tôda a culpa do fracasso para um grupo, apenas, de 11 jogadores e 1 técnico. Quem lhes afivelou a máscara? Vocês, torcedores. Nós, jornalistas. Êles, do rádio. Todos, sem exceção, das gerais

**ALEGRIA DOS VENCEDORES** — Os "cracks" uruguaios, valentes campeões do mundo, fizeram com que o cérebro derrotasse a máquina, o coração vencesse a técnica. Com um dos mais fracos selecionados celestes, os platinos revelaram quanto pode a disposição, a fôrça de vontade — contra a instituição da máscara.



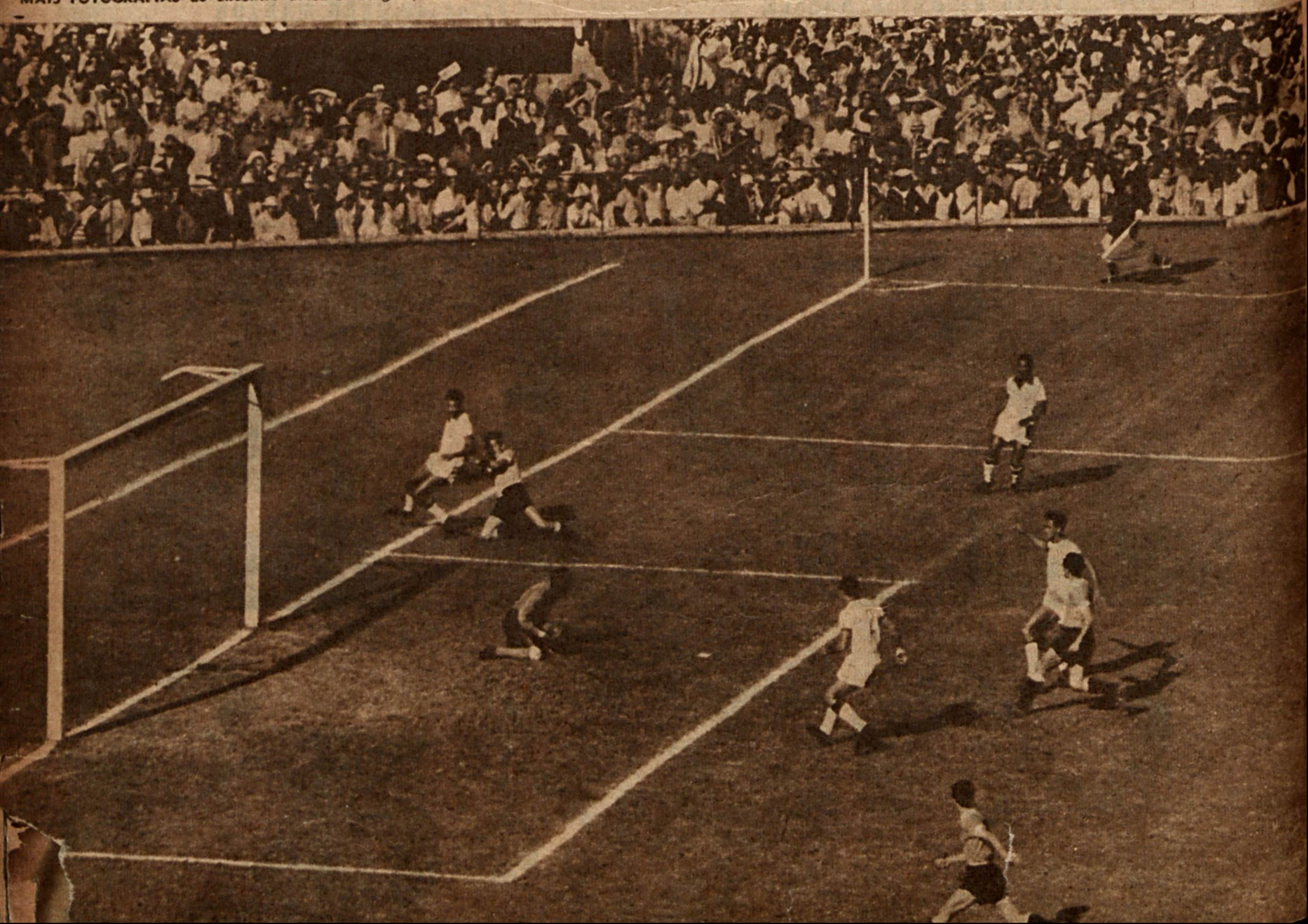


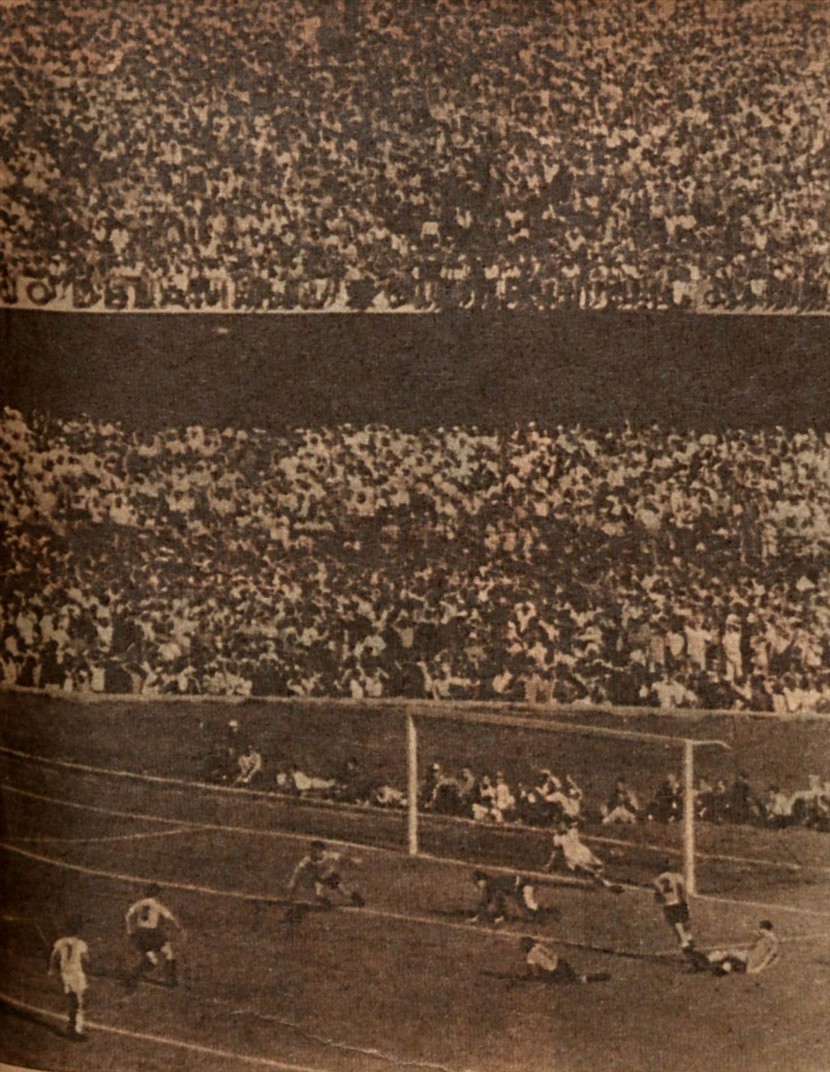


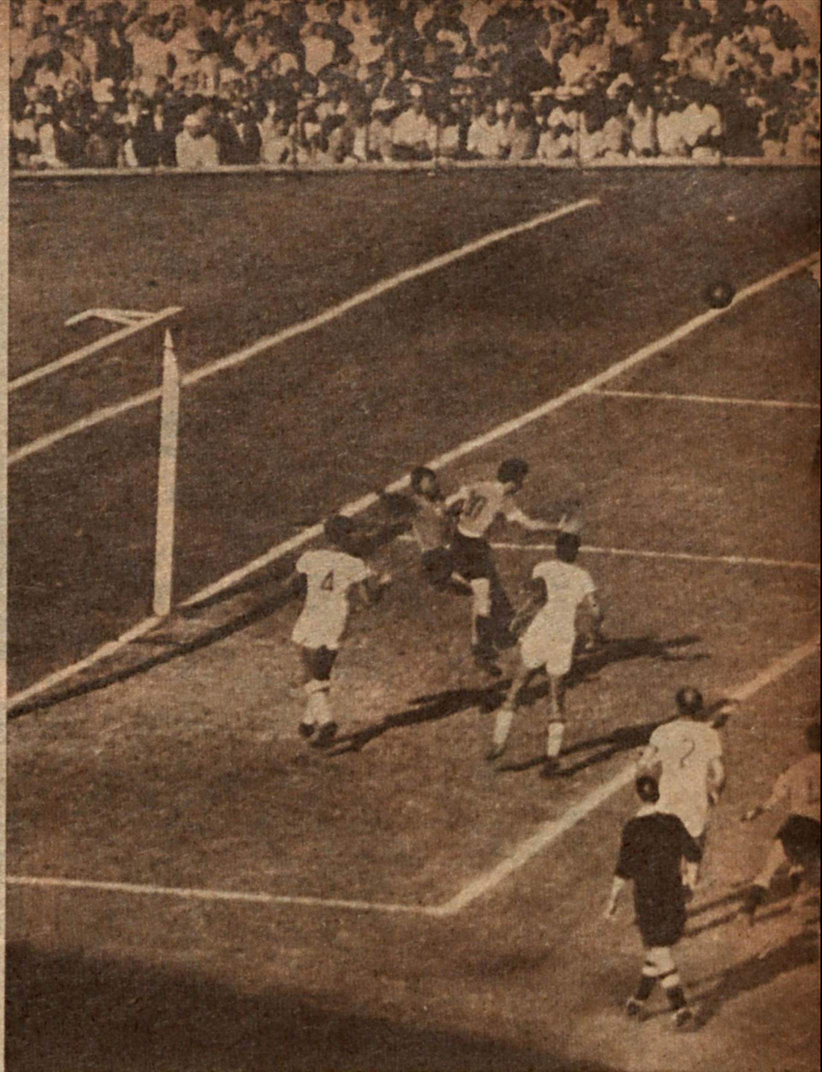





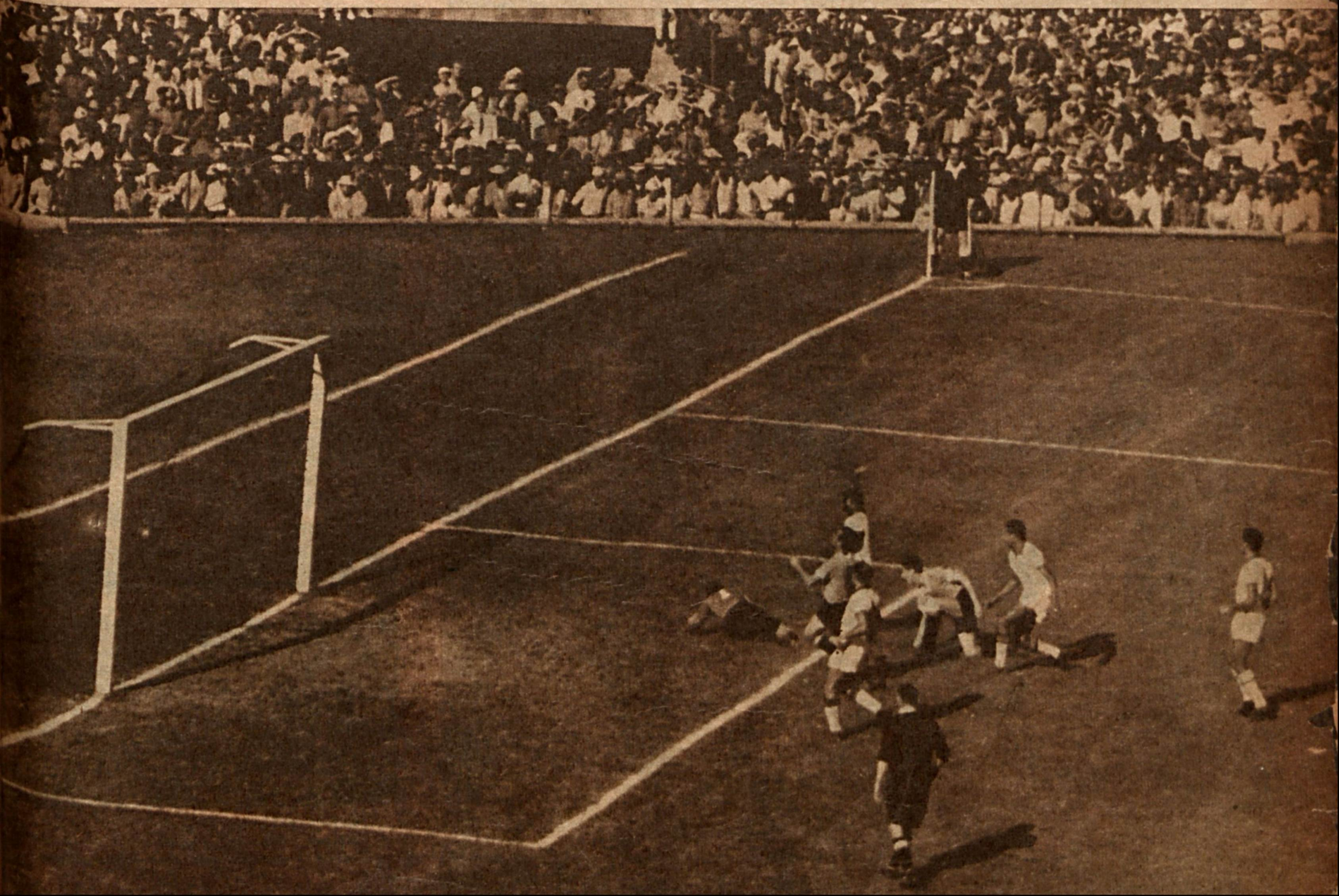

**MAIS FOTOGRAFIAS** do encontro Brasil x Uruguai, vendo-se o "scratch" entoando o Hino, uma disputa de Augusto com o ponta e uma defesa de Barbosa.







UMA "SCRIMAGE" na porta do gol uruguaio, um momento de perigo para o arco brasileiro e outra carga dos platinos que não teve resultado. E assim, o final.





MÁSPOLI se contundiu na mão num choque com a vanguarda brasileira. Fêz algumas defesas boas, mas pouco atacaram seu arco os brasileiros, que pareciam nervosos em campo, sem ação, sem visão do gol.





ATAULFO de Paiva, Cirilo Júnior, torcedores.



RAUL Fernandes e o Embaixador da Espanha.



OTÁVIO P. LOPES, Manoel de Teffé e Raul Guastini saúdam o gol do Brasil. O 1.º e único.



PIERRE Clostermann, o brasileiro da RAF que abateu maior número de aviões desta guerra.

às arquibancadas, das cadeiras às tribunas. Criamos a lenda de sua invencibilidade e fizemos com que êles se esquecessem do ilógico no futebol. Foram os jogadores que mandaram bordar as faixas de campeões do mundo antes do jôgo? Foi o técnico que publicou fotografias do quadro brasileiro com a legenda de campeões do mundo? Foram êles, os atletas e o dirigente, que gritaram por todos os microfones que não havia castigo, que não sairia do Brasil a Taça Jules Rimet, que os uruguaios eram homens velhos e cansados? Fomos nós, os assistentes e observadores, os profetas da vitória que não veio. Não parece, francamente, honesto e leal recusarmos a parte da culpa e exigirmos que os onze rapazes mais o técnico respondam sòzinhos pela nossa derrota.

— «Mas, se êles não deram o que sabem, se pararam em campo, se não tiveram sangue, se não tiveram raça, se não tiveram peito, se não tiveram ânimo, disposição, capacidade de lutar, de fazer o impossível!" — Tudo isto é certo. Acontece, entretanto, que todos êsses fatôres negativos advêm de um só: auto-suficiência. E já dissemos que a auto-suficiência

(CONCLUI NA PÁG. 20)





A QUEIMA de jornais após a derrota. Ao lado, Ademir contundido e Obdulio sorrindo, para enervar os brasileiros. "— Ainda quebro a cara dêsse homem", disse Chico. Felizmente, não quebrou. O velho Obdulio é o center-half mais eficiente e mais desleal do mundo.



AH, SE ESTA ENTRASSE!

*O seu "maquillage" não estará completo sem o toque final do baton*

Van Ess

*VAN ESS realça a beleza natural dos labios aumentando o encanto de seu rosto.*

Adquira hoje o seu Van Ess em estojo de gala.

Agora!... aso na cabeça
20 anos menos na aparência

aso **Sem pintar, devolve aos cabelos brancos a côr natural!**

*Pedidos pelo reembôlso Postal à*

**Soc. Perfumes aso Ltda.**

Caixa Postal 587 — Rio de Janeiro — *Peçam prospectos grátis.*

aso À VENDA EM TODO O BRASIL

## Derrota da máscara

(Conclusão da página 19)

dos nossos jogadores nasceu dos comentários que fizemos, dos elogios exagerados, da super-estimação dos valores até há pouco duvidosos, como os responsáveis por várias zonas da defesa e do ataque.

Se o Brasil houvesse empatado com a Espanha e entrasse em campo, na tarde uruguaia, em igualdade de condições, sabendo que podia ganhar ou perder, certo de que a vitória uruguaia não estava no rol das coisas impossíveis, talvez o resultado houvesse sido outro. Foi assim que sucedeu contra a Iugoslávia, oportunidade em que até o empate nos eliminaria. O "team" iugoslavo era o mais forte dos europeus (e até hoje o consideramos o melhor de todos, depois do brasileiro) e não poude resistir à vontade de triunfar, ao apetite de vencer. Veio a Suécia. A facilidade com que a linha brasileira penetrou na área e assinalou tentos deu a impressão de que o "scratch" se encontrara. Veio a Fúria. Novo baile. Não podia restar dúvida: a cátedra aparecera, finalmente, e o verdadeiro futebol brasileiro, o futebol dos campeões sul-americanos e do campeão dos campeões da América, ali estava, resuscitado, após o ajuste do "scratch". A máquina funcionava. A orquestra tocava.

Só havia um camarada, um só, dentre todos, sorrindo pouco e apreensivo. Era Flávio Costa. O competente, o dedicado, o sincero Flávio Costa. Êle procurava diminuir o gás do balão. "— Menos oxigênio", pedia. E conversava aqui e ali com os seus rapazes, antes do jôgo, de quinta a domingo. Buscava fazer com que êles compreendessem o perigo da certeza de vitória. Afinal, os uruguaios eram onze como eram onze os brasileiros. O público ovacionando, os duzentos mil brasileiros gritando, não fariam com que a bola se desviasse um centímetro sequer do arco de Barbosa, se a bola tomasse o rumo certo. O espetáculo cívico, as orações de estímulo, o alto-falante, tudo isto podia servir de incentivo para os brasileiros, mas de reativo para os uruguaios. E foi o que verdadeiramente aconteceu. Não tomaram conhecimento do público nem do alto-falante, jogaram com algodão nos ouvidos, indiferente aos gritos, aos apupos, tranqüilos como se estivessem em sua casa. Que tinham a perder? Um título quase impossível. Por isso, pelejaram com alma, coração, sangue e raça, conquistando a maior vitória do futebol em todos os tempos.

Pergunta-se como um "team" inegàvelmente fraco e inexpressivo, como o atual "scratch" uruguaio, de pobres campanhas, tal qual dois empates em Montevidéu com o Fluminense (chegou a estar perdendo por 3x0), conseguiu realizar a extraordinária façanha. De Maspoli, um guardião inseguro, que solta a bola, a Tejera, um "back" quarentão ao velho Obdulio Varella, os pontos vulneráveis da defesa uruguaia eram muitos. Sucedeu, entretanto, que a linha era boa e conseguia sempre desfazer os êrros da retaguarda. Aconteceu com a Espanha: o espectro da derrota foi afastado quase ao final do jôgo. Aconteceu com a Suécia: estavam perdendo empataram e acabaram vencendo nos últimos minutos. Aconteceu com o Brasil o que todos sabem: reação na última meia hora. Que significa isto, senão muito sangue, coragem e espírito de luta?

O velho guerreiro Obdulio, moreno, carrancudo, malcriado, parecia em campo um magnífico general. Principiou por ferir os nervos dos brasileiros — e êstes ingênuamente caíram na armadilha. Passava as mãos, irônicamente, pelo queixo de Zizinho, atordoava Chico, dizia coisas, pondo em uso tôda a vasta experiência de antigo "scratchman", afeito às duras batalhas. Reclamava por um nada. Na realidade, não visava alterar a marcação do juiz, mas aborrecer aos adversários. E isto o conseguiu. Chico por um triz não quebrou a cara de Obdulio. E quando Ademir caiu, contundido, Obdulio sorriu. Sorriu na cara de Jair. Êste se controlou tremendamente para evitar o incidente maior. Assim, terminou o primeiro tempo. Quando o nosso quadro voltou a campo, para a fase final, não sei se repararam em nossos jogadores. Traziam a cabeça baixa, pareciam abatidos, vencidos, mesmo. Por que, se estava zero a zero?

O que sobrou aos uruguaios faltou aos brasileiros, e nisto está resumida tôda a tragédia esportiva. Velocidade. Passes longos, dêsses que se utilizam para atravessar as barreiras de defesa. E um comandante em campo. Um estrategista que soubesse adaptar o jôgo às contingências do jôgo, transformando o sistema em caso de necessidade. De que servia a ordem de Flávio para recuar e garantir o "placard" de um a zero, se não foi obedecida dentro do gramado e não havia, ali, entre as linhas, quem a fizesse obedecer? Obdulio Varela, para os platinos, era como se o próprio técnico Juan Lopez estivesse no gramado.

Falam de Bigode. Realmente, não jogou bem. Realmente, foi o responsável pelos dois goals. Mas, por que deixaram Bigode sòzinho, por que não o socorreram, quando êle lutava com desvantagem contra o maior extrema direita do continente? Ah, porque havia um sistema diagonal em prática e não se podia mudá-lo, um sistema que manda o half-esquerdo marcar o ponta direita. Bolas para a diagonal e para todos os sistemas do mundo, para o "association", para as regras de Chapman! Bolas para todas as órdens, quando o arco está em perigo, quando o campeonato está em perigo. E' assim como um soldado, na mira do fuzil, não disparar contra alguém que visa o companheiro "para não desobedecer a órdem de silêncio".

Falam de Barbosa e da segunda bola que deixou passar. Quem fala assim é porque se acostumou a ver S. Jorge no "goal" do Brasil defendendo todos os pelotaços. Vá para o arco e experimente um Chighia a poucos metros, livre, a chutar um dêsses petardos e, depois, perdoará Barbosa.

Saibam todos que, além do título máximo do futebol mundial, êles perderam, no mínimo, cento e vinte mil cruzeiros cada um. Ademir e Flávio os cargos de vereadores. Motivos não lhes faltavam para jogar melhor. Alguém tem culpa de que o nervosismo se apodere de si? Queriam, mas as pernas não lhes obedeciam e os tiros saíam sem direção.

Todos aquêles que viram no gigante do Maracanã o fracasso do futebol brasileiro, naquela tarde feia, estão redondamente enganados. Ali nascia o futebol brasileiro. Um futebol mais positivo, porque todos os seus vícios, todos os seus êrros, tôdas as suas falhas se cristalizaram na derrota. Ficamos sabendo por que sempre perdemos a última batalha. Ficamos sabendo que futebol não vive apenas da versatilidade de cada jogador, mas do conjunto. De que serviu possuirmos os melhores jogadores do mundo, os melhores individualistas, se caímos na final? Futebol é harmonia de jogadas de tôda a linha, defensiva, média ou atacante. Se houvesse uma bola para cada jogador, o Brasil seria o campeão, mas uma bola apenas para os onze exige homogeneidade, menos egoismo de fazer "goals", mais vontade que o "team" faça os tentos, seja qual fôr o pé que a chute.

Do Maracanã, da mágoa que nos deixou esta partida, da poeira e do amargor de um grande "team" vencido por um quadro tècnicamente inferior, mas superior no entusiasmo, no sangue e na fibra, há de sair o futebol brasileiro que em 1954, na Suíça, poderá fazer o mesmo que os uruguaios aqui fizeram, contra os prognósticos, contra a torcida, contra tudo. Da estúpida tarde do Maracanã nascerá o futebol brasileiro sem máscara.

## Cama de boneca

(Continuação da pág. 12)

casaquinho descorado de gorgorão vermelho. Sôfregamente desenrolei o pano, e vi surgir... uma boneca de porcelana... vestida de portuguêsa: a boneca de Constança! Horrorizada, não pude conter um grito: a coisa parecia viva e envelhecera muitos, muitos anos! Havia em seu rosto um expressão trágica, apavorante! O olhar duro e cruel revelava maldade, sadismo quase... Um rito de dor fizera estalar o esmalte, que se esfarelava pela bôca abaixo! Trêmula, desnorteada, agarrei a boneca, enrolei-a novamente no pano e atirei-a ao fundo da arca. Fechei a tampa e saí correndo alucinadamente em direção à cozinha.

— O que foi? O que foi? perguntou a criada aflita, ao cruzar comigo na escada.

Não respondi.

Eu deveria estar com a fisionomia inteiramente transtornada! Refugiei-me no quarto e protestei uma indisposição para não jantar. Queria ficar só, disposta a silenciar o fato. Ninguém acreditaria no que eu tinha para contar. E, além de tudo, aquela era uma história secreta, minha, ùnicamente minha...

À noite não consegui dormir, virava de um lado para outro, no leito, desorientada e inquieta. Finalmente, depois de tomar uma dose de calmante, adormeci. Adormeci para ser despertada logo em seguida por aquela vozinha comovente e fraca de criança desprotegida. Mas dessa vez não era uma cantiga de ninar o que eu escutava, e sim um chôro dolorido e convulso.. Constança estava em prantos! Vagarosamente, como que magnetizada, dirigi os olhos para a cama de boneca. Na semi-obscuridade do quarto verifiquei

(Conclui na pág. 28)

**GRANDE TORCIDA**

Grande em todos os sentidos: em número, em entusiasmo, em tolerância, soube ganhar e soube perder com dignidade.



UM JORNAL publicou, em "manchette", que "os brasileiros beberiam na taça Jules Rimet o vinho da vitória". Mas nesta foto vemos Tejera, uruguaio, campeão, saboreando o referido vinho...

# FIBRA, FÔRÇA, SANGUE E PEITO

*Comentário de JEAN ESKENAZI – Fotos de IRINEU BARRETO, ERASMO SOUZA, INDALÉCIO WANDERLEY, JOÃO MARTINS e JOSÉ MEDEIROS.*

**O IV Campeonato do Mundo constituiu o maior espetáculo esportivo de todos os tempos; os que o assistiram poderão dizer com o mesmo orgulho de Goethe a respeito da batalha de Valmy: — "Eu a vi."**

A 4.ª Copa do Mundo foi o maior espetáculo de futebol que se pode imaginar. Contra os pesados e maciços suecos os jogadores brasileiros dançaram um verdadeiro «balet».

Os pobres suecos não saíam de seus lugares. Nada podiam fazer. Eram vítimas perfeitamente inocentes de uma extraordinária dança de sacrifício. Contra os espanhóis foi mais extraordinário ainda. O adversário era superior em

(CONCLUI NA PÁG. 50)



URUGUAIOS, CAMPEÕES DO MUNDO



SCHIAFFINO



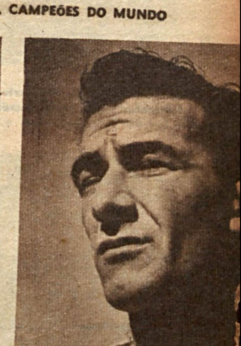
GAMBETTA



MÁSPOLI



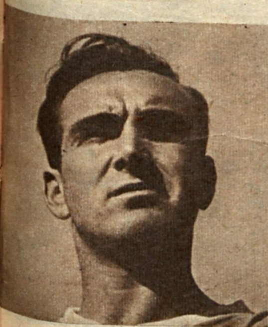
MIGUEZ



JULIO PEREZ



RODRIGUEZ ANDRADE



MORAN



OBDULIO VARELLA



GIGHIA



MATHIAS GONZALES











**O FOTÓGRAFO** Indalécio Wanderley, destacado pela revista O CRUZEIRO para colhêr flagrantes nas arquibancadas, fixou o "sofrimento" desta garôta.

**ELA** não sabia que estava sendo fotografada. Torceu até o fim pela vitória do Brasil. Foi uma das 200.000 pessoas que incentivaram os rapazes da C.B.D.





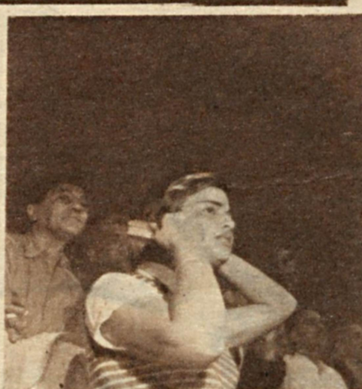
**A BATALHA** foi dramática. Diante do ardor, do sangue, do peito dos uruguaios, desmantelou-se a técnica dos brasileiros. Ademir, severamente marcado, pouco...

... fêz. Friaça foi uma figura apagada durante todo o primeiro tempo. Marcou o único gol brasileiro — nada mais fêz. Jair parecia receoso da virilidade dos...







**EM OUTRO** setor das arquibancadas, o fotógrafo Flávio Damm agia. A garôta sofreu no primeiro tempo e vibrou com o primeiro gol brasileiro. Depois...



**"NÃO PODE SER,** é impossível..." Ela custou a acreditar na derrota dos virtuoses do futebol. Chorou. Mas soube aplaudir aos vencedores. Vitória merecida.



... adversários. Chico, mesmo nos instantes mais perigosos, exibia uma calma irritante. Zizinho trabalhou. Augusto e Juvenal foram as figuras mais eficien-



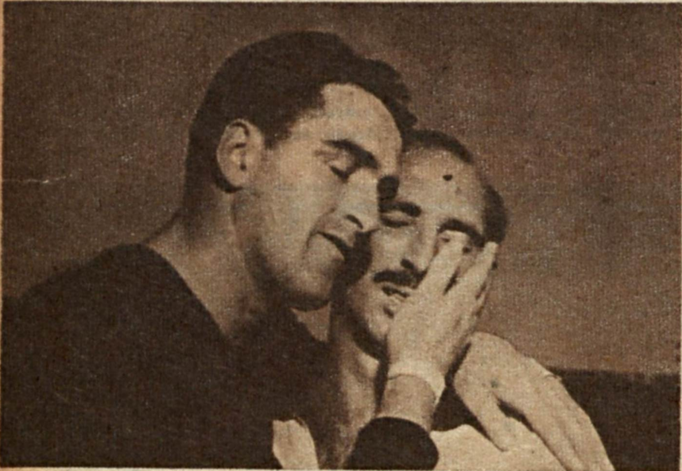
tes, principalmente Augusto. Bauer não reprisou suas atuações anteriores. Danilo igual a Bauer. Bigode proporcionou os "frangos"; Barbosa engoliu-os...



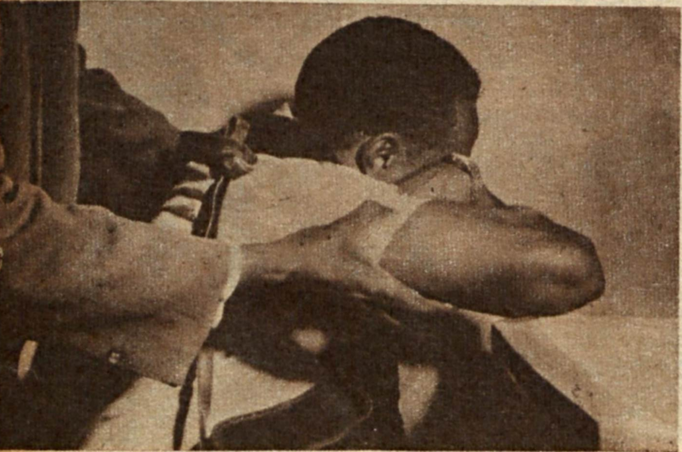
"ES UN SUEÑO", disseram os uruguaios, no vestiário, após a conquista da Taça. Êles chegaram no Maracanã dispostos apenas a evitar goleada.



"SALVE LA CELESTE OLIMPICA" — Os uruguaios mereceram a vitória. O público brasileiro soube perder, soube aplaudir os leais adversários.



MÁSPOLI abraça Augusto, inconsolável. O "back" direito da seleção brasileira foi dos raros que lutaram com ardor até o final. Reabilitou-se.



ADÃOZINHO foi um dos que mais sofreram com a incrível derrota dos brasileiros. Foi preciso aplicar-lhe uma injeção calmante. Chorou muito.



A TAÇA JULES RIMET NA MÃO DOS URUGUAIOS — E êles a agarram com vontade, com energia — do mesmo modo como a conquistaram.



**ADEUS, COPA DO MUNDO**

Danilo amarga a derrota